

CASA AMARELA

ENTREVISTADOS:	Escobar Franelas Luka Magalhães
Localização da atividade:	Casa Amarela Parque Sonia
Área de Atuação:	Literatura / Música / Espaço Cultural
Data da entrevista:	03/09/2020
Entrevistadores:	Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

A Casa Amarela - Espaço Cultural é voltada para o encontro, fomento, vivência e trocas humanas. Iniciou suas atividades voltadas à arte e cultura em 2011. As atividades regulares no espaço são o sarau mensal, as rodas de debate Blablablá, bimestral, e as oficinas de criação literária Inéditos & Inacabados, também bimestral. Além disso o espaço funciona como local de reuniões, ensaios, aulas, debates, exposições visuais, gravações de programas para web, gravações de filmes e diversas outras realizações, sempre como canal de interlocução entre o fazer e o pensar humano.

ENTREVISTADO:

ESCOBAR FLANELAS

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Escobar: É eu sou o Escobar Franelas, tenho 51 anos, sou formado em História, sou autor de alguns livros, já cometi a indelicadeza de lançar alguns livros de poesia, romances e até de história. Também atuo no mundo do audiovisual que tem aí, desde os 18 anos mais ou menos que eu trabalho com audiovisual, ainda que só nos últimos dez, doze anos eu tenha ido pro audiovisual no sentido de autoria né, de escrever roteiros, de dirigir, porque até aí, até esse espaço tempo anterior todo foi dedicado aos trabalhos técnicos né, eu sou editor de vídeo, na verdade ainda que eu já tenha trabalhado com direção de arte, direção de fotografia, mas assim, o meu DRT é de editor de vídeo, mas já faz algum tempo, já faz uns dez, doze anos que agora tô me dedicando mais à direção, produção e roteiro, que é um caminho meio que natural. Até porque, tem uma coisa muita estranha que a gente que mexe com audiovisual, você mexe com

tecnologia de ponta né, e uma coisa que é muito interessante que quando você é jovem, quem mexe com tecnologia né, você é cooptado né. Teve épocas que eu trabalhava em três empregos, sempre tinha aquela doidura toda. Depois quando a gente vai ficando tiozinho, a gente vai sendo sucedido pelos mais jovens e aí o pessoal começa a não dar mais atenção pra gente né, foi quando eu percebi que eu teria que atuar em outras frentes né meu, que eu como editor já tava ficando meio atrasado, aí eu falei então deixa eu fazer outras coisa aí. Aí eu descobri que a experiência que eu trazia seria muito útil pra produção, direção e outras coisas que é o que tô fazendo mais hoje.

Escobar: Que eu estou aqui definitivamente na casa amarela desde 2013, desde 2013. É, eu fiquei, aqui a Casa Amarela ela fundou, ela começou a ser articulada em 2010, mas ela iniciou as suas atividades mesmo, se eu não me engano em abril de 2011 quando foi realizado o primeiro sarau aqui né, aí rolou o primeiro sarau e eu tive a sorte de estar aqui ó, foi muito louco né meu, o sarau, tava aqui o Raberuan, o saudoso Raberuan, Sacha, Akira, Sueli, Claudemir..., Claudemir Santos, quem mais?

Renata CPDOC Guaianás– Mas você estava aqui sempre...?

Escobar: Não eu vim porque fui convidado né. O Akira começou uma mobilização, começou a chamar um monte de gente pra vir pra cá, “oh a gente vai inaugurar um espaço tal, a Casa Amarela tal, aparece tal”, aí eu vim, aí eu vim no primeiro, vim no segundo, vim no terceiro. Aí eu vim nos saraus e nas apresentações teatrais, porque quem ficou meio que cuidando da junção da casa foi o Claudemir, que hoje coordena a Aldeia Satélite. E eu sou muito fã do Claudemir, das peças que o Claudemir monta né, são sempre assim umas peças impactantes, e aí eu comecei a vir assistindo as peças né, aí vinha no sarau, vinha assistir as peças... aí quando foi em 2012, aliás eu falei 2013, mas em 2012 eu comecei, a Casa Amarela se tornou um espaço parceiro do projeto Programa Jovens Urbanos e aí eu comecei dar aula né, fui convidado pra ser educador do Jovens Urbanos, aí em 2012, eu passei o ano de 2012 todinho aqui dando aula né, pros educandos, aí quando acabou 2012 a gente não renovou o contrato com o Jovens Urbanos, com o CENPEC, aí a gente pegou, e aí a Sonia pegou e falou “pô meu você já tá aqui né meu, você entrou praticamente dentro da Casa e tudo mais, porque que você vai se afastar não dá mais, porque você vai voltar a ser só público? Fica aí com a gente, ajuda a administrar tal...”. Acho que tinham algumas coisas assim do meu perfil que devem ter agradado né, à ela, ao Akira, a Célinha, a Célinha é irmã do Akira, ela na época ela também tava aqui comigo na administração do espaço, aí eu acabei ficando né, aí eu passei a ser gestor do espaço também,

junto com eles, aí foi quando foi em, acho que 2014 se não me engano o Luka chegou, e também passou a ser o, o Claudemir se afastou e o Luka entrou meio que no lugar do Claudemir, mais ou menos isso né, aí e depois, por último, a última pessoa que entrou pra gestão da Casa Amarela foi a Rosinha se eu não me engano à partir de 2016, a Rosinha aquela poeta de Guarulhos né, uma grande poeta de Guarulhos por sinal, e aí a Rosinha passou a ser gestora da Casa. Então hoje a Casa Amarela, na verdade, é Akira, Sueli, Rosinha, Luka e eu né, é claro, na verdade não somos nós que fazemos a Casa Amarela, quem faz a Casa Amarela trocentas e outras pessoas. Tem o Tião e o Silvio Cone que fazem o som né, a Selminha esposa do Tião, tem o Bilie Charlie, que é um videomaker que nos acompanha desde os primeiros saraus né, que tá aqui na Casa Amarela e sempre filmou os eventos, um cara muito bacana, um poeta também e ele é outro cara que também é muito próximo da gente. A Inês Santos... tem um monte de gente.

Renata CPDOC Guaianás: Por quê Casa Amarela?

Escobar: Você sabe que eu não tenho a não sei a resposta exata, mas...pelo o que me consta é uma casa que ficou fechada há anos né, era uma casa da família da Sueli, que tava no processo de inventário que aliás se encontra até hoje o processo de inventário, e ela ficou fechada. E aí teve um dia que o Akira e a Sueli tiveram um insight: “Pô vamos pegar aquela casa, vamos dar uma mexida nela, vamos transformar ela em uma espaço, tal. E aí eles começaram essa mobilização, isso mais ou menos em 2010, 2009, 2010 e pelo o que me consta das histórias é... o seguinte, a Casa já era amarela e acho que o pessoal não tinha grana pra bancar uma reforma daquelas então tipo assim vamos aplicar só uma tinta e reforçar o amarelo e tal, aí alguma coisa do tipo, meu que nome a gente vai dar pro espaço? Fica sendo Casa Amarela (risos), eu imagino que se essa história é verdadeira ela faz todo o sentido né porque a gente realmente, eu fico imaginando o pessoal entrando nessa casa aqui que é uma construção muito sólida mas que a gente vê que é muito antiga né, e aí a casa que ficou fechada durante tanto tempo né, então o pessoal deve ter removido caçambas e mais caçambas de lixo então e aí todo mundo colocando dinheiro que até hoje é assim né? Uma das coisas assim que mais chama a atenção, por exemplo, nos saraus, que é a atividade mais regular que tem na Casa Amarela é o sarau né, que ele vem acontecendo aí desde 2011, aí regularmente todo mês né, e o sarau tem uma tradição aqui que é muito engraçada, que o pessoal traz muita comida, muita comida, que às vezes até sobra né... Vai chegando. Um chega com um bolinho, outro chega com pão, outro chega com mortadela, outro chega com bisnaguinha, outro chega com algum outra coisa e tudo mais, e quando a gente vê essas mesas estão todas lotadas e normalmente, na maioria das vezes, chega no final do sarau domingo, dez horas da noite quando ao gente vai embora, tem sempre comida pra levar pra casa

né, os meus filhos, os filhos do Luka que não reclamam né,, (risos) sempre tem umas coisinhas diferentes que a gente chega domingo “papai passou o domingo todo na Casa, que é uma tradição né, o pessoal traz mesmo, e aí as vezes vem umas outras , umas iguarias assim mais refinadas, guacamole, né de vez em quando o pessoal prepara e traz, nossa uma delícia.

Escolar: Assim a minha formação é em história né. Eu sou formado em História e aí evidentemente isso já me leva pra um campo de atuação né. Mas né, fora isso, eu desde os 18 anos eu trabalho com Produção Visual né, sempre trabalhei com produção de vídeo, trabalhei com algumas produções de cinema mesmo né, e televisão, essas coisas todas. Então desde os 18 anos que eu venho atuando na área do audiovisual, e é claro que isso agrega alguns valores significativos. Sem contar que a parte da história e a parte do audiovisual, eu também sempre tive, sempre atuei na literatura né, sempre quis, sempre escrevia aliás desde a adolescência que eu escrevia umas poeminhas, depois uns continhos. Eu trabalhei praticamente em todos os jornais de bairros de Itaquera e região eu já trabalhei né, sempre gostei, não por ser jornalismo mas fiz muito jornalismo nesse jornalismo de bairro, e assim essa atuação é, no mundo das letras e no mundo do audiovisual fizeram com que a gente criasse algum tipo de nohall né. Junto com isso vem uma outra questão que pra mim é muito é... é muito forte, que é o lance de que desde moleque eu sempre quis atuar no serviço social, quer dizer hoje eu tô falando serviço social né, eu queria tipo, fazer alguma coisa na sociedade né, então eu lembro que a primeira vez que eu pude fazer um trabalho legal foi na época do MOVA né, quando a Erundina se tornou Prefeita de São Paulo, e aí foi criado através do Paulo Freire né. Olha, nós tivemos um Secretário de Educação chamado Paulo Freire mano (risos), dá até um calor aqui no coração da gente. Pois então, aí o projeto MOVA que foi instituído naquela época, aí eu lembro que eu me inscrevi pra trabalhar numa igreja, aí eu me aproximei do pessoal lá de Guaianases, Beto Custódio, Cacá Lopes, pessoal que tava se articulando ali no, a primeira movimentação que teve daquilo que a gente chamou depois de Movimento Cultural de Guaianases, ali mais ou menos em 1989, 1990, eu participei de algumas reuniões, e aí eu senti que dava liga esse lance de atuar socialmente, né. E aí quando foi em 2003, eu trabalhava em uma empresa em Alphaville, e essa empresa tinha um projeto social na periferia de Barueri, e ali foi a primeira vez que eu fui trabalhar, e agora sim de forma sistematizada, organizada, e aí eu nunca mais parei de trabalhar com essas questões ligadas ao que a gente chama de terceiro setor né, e aí é aonde eu tô até hoje, então é, atuando no terceiro setor como educador e assim, sempre usando os meus conhecimentos literários, meus conhecimentos de formação audiovisual, e agora de

História depois que eu fiz a faculdade também, usando... São esses três setores que eu, que são utilizados na minha atuação social.

Escobar: Tinha um amigo meu com quem eu tinha uma relação muito forte e muito legal que era o Eri, e, o Eri, uma vez ele pow, sabe a gente tava ali conversando, conversa de moleque né, nós éramos adolescentes, eu já não era tão adolescente assim porque inclusive eu já tinha uma filha né, apesar de eu ser muito jovem, é e aí ele falou que tava indo numas reuniões com um pessoal que tava organizando, queria organizar uns shows. Basicamente a conversa foi essa, e aí eu falei shows? “É um pessoal tal, que se reúne tal, tem um tal de Edvaldo Lopes, um cantor que tem um braço só”, que era Cacá Lopes, mas época ele era o Edvaldo Lopes né, não existia o Cacá ainda. “E aí esse pessoal tá se reunindo tal, lá no escadão em Guaianases tal”. E aí eu falei, ah eu quero ir meu, conhecer os artistas, tal essas coisas, fui por isso, nessa farra. Aí cheguei lá, aí foi quando eu conheci o Beto Custódio, conheci na época o Wilson, que era o administrador regional de Guaianases, que ele dava um apoio logístico digamos assim pra essas reuniões, Professor Wilson, enfim, conheci outras pessoas também mas aí eu não vou, não tô conseguindo puxar esse fio da memória. E foi ali que eu conheci a primeira, o primeiro momento em que eu entendi o que era essa questão de organização popular né, de pessoas que se reúnem com um propósito. E aí eu participei de um evento que a gente fez ali na frente do Mercado Municipal, uma mostra cultural que artistas do bairro tocaram o domingo todinho ali né, foi muito bacana. Mas assim na época eu tava meio que deslumbrado, sabe aquela coisa, não tinha, não fazia uma leitura crítica do que era, do que nós estávamos fazendo ali, até porque o movimento também não avançou, por questões políticas e tudo mais, e depois a gente teve um retrocesso muito grande porque aí a Erundina perde a eleição né, aí entra o Pitta, e o projeto vira uma outra coisa, e aliás. Na verdade, a Erundina não perde, não entra o Pitta entra o Maluf, e o Maluf depois gesta o Pitta para dar continuidade àquele governo famigerado. E... e ali quando o Suplicy perde a eleição pro Maluf, e tal, quer dizer a gente perde tudo, tudo o que tinha sinto avançado se perdeu né, e aí eu também estava vivendo um momento meio atribulado na minha vida porque eu tinha tido uma filha muito cedo, e eu que estava responsável pela criação dela sozinho, quer dizer sozinho assim, minha mãe, minha irmã me ajudando, mas, putz eu era moleque (risos), uma criança...né então, foi meio confuso aquela época lá e eu não tinha muito claro as coisas pra mim. Só depois é que as coisas foram se ajustando e tudo mais, e aí eu comecei a ver a importância de tudo aquilo né do, das primeiras reuniões do MOVA que eu nem fui, nem fiquei tanto tempo no MOVA assim, mas mais por conta de que o espaço onde eu fui trabalhar no MOVA não deu continuidade ao trabalho né! E depois o Movimento Cultural

de Guaianases também foi uma coisa assim, uma bolha que estourou muito rápido, acho que uns seis, oito meses depois o pessoal já tava cada um na sua. E aí eu fiquei num hiato muito grande de bastante tempo só naquela de trabalhar, de dar conta do lance de ser pai muito jovem e tudo mais. Aí depois, muito lá à frente, é que eu retomo um pouco disso por conta do, quando eu trabalhei lá em Barueri é, que a empresa oferecia esse lance de atuar no campo social, mas lá assim de forma organizada, sistematizada, com uma certa hierarquia e tudo o mais, e foi só ali que eu fui entender a importância do que eu já tinha feito lá atrás, mas que não tinha ficado claro né.

Escobar: Pois é.. em 98, é, em 98, as oficinas culturais de bairro né, tinham sido inauguradas no governo Quércio, não me pergunte o ano que eu não lembro, é, mas tinham sido inauguradas no governo Quércio, e em seguida o governo Fleury, que era uma continuidade do governo Quércio, mas ele saiu fechando muito das oficinas culturais, inclusive aqui a de São Miguel, mas depois quando entra o governo Covas, algumas oficinas foram reabertas, inclusive a de São Miguel. Em 98 eu já estava navegando em águas um pouco mais calmas né na minha organização pessoal, e aí na época eu estava revisando um livro do Costa Senna que é um cordelista bem famoso aqui em São Paulo né, um cordelista cearense, e eu estava revisando um trabalho do Costa Senna, e o Costa Senna pegou e comentou comigo, falou “Bicho, aí em São Miguel pertinho de você...” Porque na época o Costa Senna, hoje ele mora em Guaianases, mas na época ele morava na Saúde, ele falou “Pô aí onde aí você mora, tem uma oficina cultural que foi reaberta, a Luiz Gonzaga, e o coordenador dela lá é um tal de Sacha. Ô meu, vai lá e fala com ele você que mora aí pertinho de Guaianases.” É, Cohab 2, São Miguel o pessoal entende que é pertinho, não é tão pertinho assim né, mas enfim né pra quem tá na Saúde. E aí ele pegou e falou “vai lá na Oficina, fala com o Sacha ele é bacana, ele é gente fina, conversa com ele vê se ele não arruma alguma coisa pra mim lá e tal, fazer um showzinho com cachê, essas coisas todas, tal.” Aí beleza, aí eu tinha uns turnos na manhã na época eu trabalhava em uma produtora de vídeo lá em Cotia, mas eu tinha os turnos da manhã livres, aí eu vendia aqui pela manhã na Oficina Cultural, e aí eu conheci o Sacha, até aí na verdade eu não tinha ouvido falar do Sacha, o nome do Sacha era muito distante pra mim, né, aí ele pegou, eu conversando com o Sacha, a gente trocando ideia e tudo o mais ele falou, “prepara um portfólio dele, um roteiro, traz direitinho a documentação e tal e eu vou ver se eu arrumo alguma coisa pra ele sim, claro. Eu conheço o Costa Senna”. O Sacha comentou comigo: “eu já conheço o trabalho do Costa Senna, e tal.” E aí a gente continuou conversando e teve uma afinidade logo de cara né, uma afinidade grande eu e o Sacha, e aí ele foi e começou a me contar né, sou aqui de São Miguel mesmo, eu

moro aqui próximo, e nós fomos do MPA Movimento Popular de Arte a gente teve um circo aqui, que ficou alguns anos, 1985, ou alguns meses em 1985, e aí eu na hora eu falei, putz eu lembro do circo, eu lembro de gente que falava que ia no circo do MPA em São Miguel, né, e ele falou “ah você lembra?” e eu falei, “ah nunca vi, eu era adolescente quando teve esse circo aqui, em 85 eu era muito adolescente mas, eu lembro de ter ouvido falar realmente desse circo do MPA e tal, “ah então, eu fazia parte do pessoal que se movimentou com o Secretário de Cultura da Erundina, Gianfrancesco Guarnieri né, na época, e conseguimos essa lona e a gente durante nove meses a gente teve circo aqui, a gente trouxe muita gente, trouxe Belchior, trouxe Tom Zé, trouxe Tetê Spindola, Walter Franco, enfim”, e foi uma conversa assim muito legal, aí ele falou “Pô, e você faz o que?”, aí eu falei “não, trabalho com vídeo né, trabalho numa produtora assim e assado, tal.” Ele falou “pô meu, você trabalha com vídeo? Você não quer dar aula não? Minto, não foi nem dar aula, ele falou “você não quer filmar, fazer uns registros dos eventos aqui, da oficina, pra gente, eu preciso trabalhar, porque a gente tá reabrindo aqui a oficina agora, e a gente precisa fazer a memória desse lugar né? Precisa documentar desde as primeiras atividades pra depois no futuro, o pessoal saber né o que que foi produzido aqui e tal”. Aí eu falei, ah legal né, e aí a gente pegou, eu trouxe um amigo meu, um brother com quem a gente já fazia umas brincadeiras né, a gente tinha uma câmera e fazia algumas coisas juntos, filmava algumas coisas juntos, o Giba, aí viemos eu e o Giba e começamos a desenvolver oficinas aqui, desenvolver trabalhos aqui dentro da oficina, inclusive dar oficinas de vídeo. E a gente ficou três anos e meio aí. E nestes três anos e meio evidentemente a gente criou vínculos né? Eu me tornei muito próximo do Sacha, muito próximo mesmo, a ponto de durante um certo período eu me tornar meio que não o agente dele, mas o motorista dele porque o Sacha não dirige né, até hoje, então eu era meio que, eu arrumava shows pra ele né, e mesmo outros shows “Pô Escobar, o que você vai fazer no final de semana?” Ele perguntava pra mim o que que ia fazer eu já perguntava “Aonde é o show?” (Risos) e aí a gente ia, então eu levava ele pra fazer shows em São Paulo todinho, interior, tal, e aí foi quando eu conheci a Raberuan, conheci o Edvaldo Santana, conheci a Sueli, a esposa do Akira né, que hoje aqui na Casa Amarela, está aqui na Casa Amarela, é, mas na época eu nem conhecia o Akira, primeiro eu conheci a Sueli porque a Sueli também dava aulas de dança na oficina, ela dava oficinas de dança, e a gente criou vínculo, um vínculo bem forte, uma proximidade legal. E isso fez com que eu fosse ficando em São Miguel, mesmo depois que encerrou os meus trabalhos na oficina, né, eu vinha assistir espetáculos na oficina, porque tinha o Claudemir que depois, ajudou a fundar a Casa Amarela, e hoje tem a Aldeia, já tinha uma atuação forte na oficina, dando oficinas e sempre

com espetáculos assim bem revolucionários esteticamente e conceitualmente, então eu já era meio que fã do Claudemir ali, então mesmo afastado das atividades da oficina, sempre que tinha alguma coisa, um show bacana que a oficina sempre trazia também, trouxe Zé Geraldo, trouxe bastante gente, eu sempre vinha, assistia os shows, continuava, e porque tinha criado vínculos com o Sacha né, o lance dele frequentar a minha casa, eu frequentar a casa dele e tal, e isso fez com que eu me emanasse com essa turma toda e fosse ficando, até que chegamos, esse espaço tempo de dez anos mais ou menos, entre 2001 quando eu me afastei da oficina, até 2010, 2011 quando eu abro a Casa Amarela, foi um espaço que eu fiquei indo e vindo muito em São Miguel, não era uma coisa frequente mas eu tava sempre por aqui.

Escobar: A Casa Amarela ela é uma casa assim, que ela quando foi pensada, na verdade eu não pensei ela nos seus primórdios, porque eu não estava aqui, ou melhor, eu estava aqui mas enquanto público né, mas assim das conversas que eu tenho com a Sueli, que é talvez a pessoa que tenha pensado ela na sua forma mais orgânica né, assim a Sueli, digamos assim, segue algumas ideias básicas assim da cultura da paz, da carta da terra, então a Casa Amarela foi pensada assim nos seus primórdios pra ser uma espaço assim da expressão artística, mas antes de tudo um espaço da afetividade né, a gente tem o costume de falar que aqui é, parece uma heresia falar nisso em tempos pandêmicos, mas aqui a gente tem a cultura do abraço. Ninguém entra, agora imagina praticar o abraço num tempo em que você não pode abraçar as pessoas, olha que coisa louca. Mas enfim, a Casa Amarela foi pensada nos seus primórdios como uma casa assim, pra prática da afetividade, independente das linguagens, das expressões culturais, artísticas que venham a ocupar esse espaço, esse palco. Porque na verdade a Casa também não é uma casa só da arte, aqui se reúnem grupos dos mais diversos, né. Eu imagino que o Conselho de Segurança aqui do lugar nunca pediu pra se reunir pra fazer uma reunião aqui, mas se fosse pedir eu acredito que não teria problema nenhum, pelo menos da minha parte, porque aqui, sabe é um espaço aberto pra qualquer, seja um ponto de encontro né, então é uma casa que foi pensada assim pra ser espaço da expressão artística e cultural, mas também o espaço do encontro, o espaço da troca de experiências, de saberes e tudo. E por conta disso, vem a Sueli, vem o marido dela o Akira que é um baita poeta, um dos grandes poetas do nosso tempo, eu assim, afirmo isso não porque eu seja migo do Akira, ou porque eu esteja próximo dele, ou porque eu esteja gerindo um espaço junto com ele, mas porque eu tenho o Akira realmente como um dos grandes poetas do nosso tempo, e não é no movimento marginal, no movimento periférico, é um dos grandes poetas do nosso tempo, você vai perguntar, brasileiro, do mundo, da América... A poesia independe da geografia né, eu tenho ele como um dos grandes, assim

como por exemplo eu tem o Sérgio Vaz também, que é um poeta que eu, nossa eu tenho uma...né, e tem outras pessoas que ocupam esse palco que eu acho que são poetas assim.. René Santos, enfim. É, o que que acontece, e aí a Casa desde quando o Akira e a Sueli pensaram a Casa Amarela, pensaram a ocupação desse espaço, eles sempre quiseram, até porque é do betiê deles, é do nohall deles, essa coisa da turma, desde os anos 70 que eles vem dessa coisa do Movimento Popular de Arte, do MPA, sempre em turma, sempre em bando, então, são tiozinhos assim como eu né meu, mas a gente gosta de turma né, esse negócio de tá sozinho não tem graça, e aí no início eles saíram chamando um monte de gente, ó vamos ocupar lá, a gente vai abrir a casa e tal, vamos fazer, traz lá, o que que você quer fazer? Você quer fazer, quer usar o espaço pro seu grupo de teatro? Pro seu grupo de dança? Quer usar o espaço pra dar aulas de alguma coisa, aula de violão, enfim, chega junto. E aí desde os primeiros movimentos da casa, eu me aproximei, mas eu também, vamos assim, morando longe e tudo mais, eu não tinha aquele interesse em desenvolver projetos. Queria acompanhar a movimentação. Então eu vim no primeiro sarau, vim nas primeiras apresentações de teatro do Claudemir, do grupo do Claudemir. Mas assim o espaço desde o início já foi ocupado por outras coisas. Eu lembro que o Alexandre D’Lou, que é um cineasta aqui de São Paulo, que ficou morando no RJ durante muito tempo, mas ele esteve aqui no início, ele gravou um filme aqui, um curta-metragem chamado Voo Livre, e eu acho que inclusive foi antes do sarau, se eu não me engano, antes de inaugurar a Casa oficialmente, ou inaugurada a Casa, mas assim antes da realização do Sarau, o que a gente considera com a certidão de nascimento, o primeiro sarau, mas acho que antes disso o Alexandre já usou a Casa pra fazer a produção desse filme, chamado Voo Livre. Logo em seguida, agora que eu lembrei de um detalhe importante, em 2011, já no primeiro ano, eu trouxe uma exposição pra cá, não eu escrevo uns haikaiss, que eu chamo de haikaus, porque não seguem a métrica original, e aí o que acontece, eu tinha o costume de fazer, na época eu já tinha o costume de fotografar com o celular, e eu produzi uma série de fotos que eu chamava de lendas urbanas que eu tinha mania de fotografar retranças de paredes, buracos, coisas assim né, que era o que dava pra fotografar com celular antigamente né, câmera VGA, de qualidade péssima, então não dava pra fazer planos abertos, então eu filmava diminutas, besouros, joaninhas, e aí eu gostava de fotografar e deixar sempre um espaço em branco na foto e aí eu imprimia essas fotos com o meu Haikaus, e a gente produziu aquilo na exposição 2011, depois eu fiz uma outra exposição com o trabalho do Élvio Lima, que é um artista plástico de Uberlândia, e junto com o Arici Covero que é um poeta de Uberlândia também já falecido, um trabalho também de arte postal na verdade, que eram os trabalhos do Élvio, os trabalhos dele

reduzidos no tamanho de um postal, com as poesias do Arici Covero. Foi uma outra exposição que eu trouxe pra cá em 2011 também. Tá, foi só isso, agora efetivamente mesmo eu só vinha pra assistir os espetáculos. 2012, a convite da Sueli e da Celinha, eu dei aulas no Programa Jovens Urbanos aqui dentro da Casa Amarela, porque a Sueli ela era a presidenta do Ipê Dash, que é uma ONG e que na verdade o IPEDESH também usava esse espaço aqui pra ser sede das suas reuniões, e aí o IPEDESH tinha essa parceria com o Cenpec, com o Itaú Social para o desenvolvimento do Jovens Urbanos, mas não era aqui na Casa Amarela, era em outro espaço, mas quando foi em 2012, por algum motivo, justamente no ano que eu entrei ele veio pra cá, o Jovens Urbanos, e aí eu passei um ano aqui dando aulas aqui com o Jovens Urbanos, aqui dentro desse espaço. E foi um momento que eu fui catapultado aqui pra dentro, porque aí quando o Jovens Urbanos, quando se encerrou o contrato e não foi renovado, né o CENPEC e o Itaú Social não renovavam com o IPEDESH esse contrato para a continuidade dos trabalhos, então nós, em fevereiro de 2013 acabou a parceria, e aí quando acabou a parceria a Sueli pegou e falou assim “Não mocinho você não vai mais embora, você agora já tá aqui dentro, você se aproximou da gente você bebeu dessa água e agora está contaminado, e eu fiquei numa boa e tô até hoje.

Escobar: O Programa Jovens Urbanos ele é meio difícil de explicar, porque assim, ele não era, era um programa de formação né e que os jovens, eles passavam um período se eu não me engano de 11 meses, eu não tenho certeza agora. Alguma coisa próxima de 12 meses, não era 1 ano completo, mas era alguma coisa bem perto disso, eles ficavam aos cuidados da gente e ali eles eram regidos por algumas questões, por exemplo, a entidade que desenvolvia o trabalhos, sempre em parceria com o Itaú Social, que era o fundo financiador, o Cenpec, que era o Instituto, a organização que organiza a logística disso tudo, então o trabalho da IPEDESH em parceria com essas organizações era no sentido de proporcionar, durante esses onze meses de contato com esses adolescentes, os adolescentes sempre entre 16 e 21 anos se eu não me engano, era no sentido de ambientá-los em diversas situações de vivências, de vivências cultural, social, mas nenhuma formação específica, ou melhor eram várias formações mas nenhuma específica, então por exemplo, eu enquanto educador nesses onze meses, eu dei aula de fotografia pra eles, dei aula de vídeo, de produção de vídeo inclusive eles produziram até um documentáriozinho, tem nas redes, eu dei aula de elaboração de currículo, eu dei aula de letramento, letramento digital, sabe, então nós trabalhávamos, digamos com micro formações, sabe, cada semana a gente abordava uma determinada situação, por exemplo, o vídeo foi um pouco mais amplo, eu passei 1 mês trabalhando com eles na formação de audiovisual, então eu

passei um pouquinho de roteiro, de como manusear câmera, como manusear luz, como manusear os gravadores e os microfones tudo, e aí depois eles produziram um filminho aqui né, super bacana. Mas aí qual era o grande barato dos Jovens Urbanos, além disso tudo, tinha uma proposta que estava no escopo do projeto que era levar esses jovens para fazer as explorações em São Paulo, na capital. E eu acho que esse lance fazia muita diferença. Então a gente pegava os adolescentes, e porque que a gente chamava de explorações, porque eram excursões que nós fazíamos em diversos lugares chave da cidade de São Paulo, mas que não eram excursões assim de ônibus fretados ou de vans fretadas, nós educadores tínhamos que pegar esses jovens, irmos com eles de transporte público até um determinado lugar, Teatro Municipal, Pinacoteca, Memorial da América Latina, enfim, o lugar que achássemos mais convenientes nós levássemos esses jovens pra lá, passeávamos com eles, comíamos as gordices todas, mas primordialmente nós discutíamos os aspectos da cidade com esses jovens, inclusive o uso do transporte público. Eu lembro de, por exemplo uma adolescente que fazia parte dos Jovens Urbanos que nunca tinha andado de trem, e a primeira vez, a dificuldade dela em entrar dentro do trem, ela tinha medo de pisar dentro do trem por causa do vão, então foi muito engraçado né, e hoje em dia é uma adolescente que hoje está nos Estados Unidos. Então o Jovens Urbanos era muito bacana. Ah, e outra coisa que era muito bacana no Jovens Urbanos, que eu não posso esquecer, ele tinha TCC, tinha esse lance que no final do curso, o jovem que participou do programa durante aquele período todo, nos últimos três meses, ele tinha que desenvolver um trabalho como uma devolutiva de tudo o que ele tinha vivido nos outros meses, nos oito meses anteriores, e essa questão pra mim é a primordial. Por exemplo, um dos grupo que se formou aqui na Casa Amarela, no ano em que eu estava dando aula, ele quis revitalizar a Casa Amarela dentro de um projeto de sustentabilidade, que eles na época eles estavam incomodados de alguns aspectos aqui da Casa né, de degradação mesmo do ambiente, então os jovens, as jovens na verdade porque eram três mulheres e um menino, propuseram fazer uma revitalização do espaço, e aí nessa revitalização do espaço incluiu pintura, uma horta e um jardim vertical, caixas pra descarte de material reciclável separado do material orgânico e foi muito, muito bacana mesmo o projeto, e nós, infelizmente, não conseguimos dar continuidade, nós os adultos, que ficamos depois com isso, ainda por dois anos a gente ainda manteve aqui mal e porcamente o trabalho deles, mas depois a gente mesmo não deu conta e hoje, por exemplo, o jardim vertical já não existe mais.

Bem, a Casa Amarela ela tem trocentas atividades como eu já disse, ela faz reuniões aqui das mais diversas, assim, mas basicamente algumas atividades regulares da casa são: O Sarau que

é mensal, tem dois projetos que são bimestrais, um é concomitante ao outro, um é o Blá Blá Blá, o Blá Blá Blá é tipo uma roda de conversa sobre um determinado assunto, que a gente sempre traz uma pessoa convidada, duas, três, pra debater um determinado assunto, então, por exemplo quando tava se debatendo muito aquela questão da redução da maioria penal, é, nós debatemos né, enfim, o Blá Blá Blá é um projeto que eu trouxe pra Casa, já no início de 2013, e que permanece. Ele é regular, junto, e ele é intermitente junto com um outro projeto que a gente desenvolve aqui, que é uma oficina de criações literárias chamado Inéditas Inacabadas, quando a gente convida uma pessoa pra trazer um tema, e junto com o tema essa pessoa fazer a mediação. Então as pessoas trazem seus textos para serem lidos em rodas, e após a leitura nós fazemos, comentamos o texto e tudo e a gente sempre propõe que o debate seja sempre no sentido de é, se você vai elogiar..., se você tem um elogio, que você também faça um apontamento crítico, quer dizer o elogio também é uma forma crítica né. Mas no sentido de nivelar a conversa sempre no sentido de ampliar a potência do texto que está sendo lido, que tá sendo ouvido pelas outras pessoas, então se possível sempre fazer o apontamento digamos um positivo e um negativo em cima do texto para que seja uma forma delicada de nós fazermos a crítica sem parecer que estamos sendo muito incisivos, e a gente sabe hoje com as redes sociais o quanto é difícil exercer a crítica e a escutatória né. Outro trabalho que a gente tem aqui que é constante, que é regular, são as exposições. É as exposições da Casa Amarela a gente sempre procura fazer coletivas, a gente sempre procura trazer assim, múltiplos olhares né, então mesmo que seja uma exposição fotográfica, que sejam de duas ou três pessoas diferentes pra gerar um contraste, gerar um questionamento, enfim, às vezes usando linguagens diferentes né, fotografia misturada com escultura por exemplo, e por aí vai. A Casa Amarela já foi espaço de gravação de programas, programa pra web, de gravações de filmes, que eu me lembre três filmes já foram gravados e já foram rodados aqui, em partes o ano todo, espaço pra reuniões, espaço pra ensaios de grupos, alguns grupos de teatro já utilizaram o espaço, aqui a gente desenvolve, não de forma regular, mas pontualmente, algumas atividades focadas na sustentabilidade, mas principalmente no bem-estar, sabe, então tem uma naturóloga que é muito próxima da gente, a Andréia Ferraz de Campos, e às vezes ela traz algumas oficinas aqui, de alimentação saudável de meditação, de massagens, falei a palavra bonitinha né: massoterapia, enfim, mas não é só a Andréia, outras pessoas também já trouxeram outras oficinas com o mesmo intuito, só que não são regulares, a gente faz eventualmente. Lançamento de livros, lançamento de filmes, semanas de audiovisual né, a gente já fez aqui também é, uma semana toda de projeção de determinado filme,

determinado diretor, ou determinada diretora, sabe essas coisas, ou determinado tema, apresentações teatrais, é claro né, assim como tem os ensaios tem apresentações teatrais.

Escobar: Se eu for falar por mim em específico, esses dez anos foi um período de grande aprendizado, aprendizado assim no sentido de humanização, de conceituar valores, por exemplo eu não entendia bem, eu sabia, e fazia uma vaga ideia, uma validade do que era a tal carta da terra né, e aí convivendo aqui com o a Sueli, com outras pessoas que professam o seu fazer diário a partir dos preceitos da carta da terra, eu vi muito que é fácil e não é né, você aplicar os preceitos da carta da terra, da cultura da paz, sabe, essas coisas que parecem que são tão distantes, mas assim, por exemplo, tudo isso traduzido por exemplo na cultura do abraço, que é uma coisa assim que se tornou meio que a nossa marca né. Mas assim, é isso eu falo por mim, mas o que eu percebo assim que aqui foi um lugar que eu vi nascer grandes assim, grandes escritores e escritoras né, que eu vi..., vi ser gestadas, por que foi a primeira vez que eu vi a pessoa subir num palco, nervosa, microfone tremendo e não conseguir falar, e tal eu lembro da Rosinha Moraes, lembro da Sandra Gomes de Leal, uma violonista... cantora e violonista compositora e violonista daqui de São Miguel, uma frequentadora assídua do sarau da Casa Amarela, que era uma professora que ouviu falar da Casa Amarela, e um dia veio aqui no sarau, ficou ali no cantinho, aí veio em outro sarau, até que no terceiro e quarto sarau ela criou coragem, subiu, e hoje ela grava, hoje ela toca em vários lugares e tudo mais. A Rosinha Moraes que pra subir no palco da Casa Amarela pela primeira vez depois de vir aqui algumas vezes, o Akira também lembra bem dessa história, ela teve que, falou com o padre, vai hoje eu subo vai, de tanto que o Akira insistia pra ela subir no palco, ela pegou e falou, hoje eu subo mas primeiro deixa eu tomar uma dessa aí pra quebrar... (risos). A Inês Santos, que é uma outra professora, que se aproximou da gente e começou a frequentar o sarau, e a Inês, apesar de ter nascido em São Miguel, ela já não morava em São Miguel, ela morava no Tatuapé né, e aí ela me fez entender um pouquinho mais essa mudança de paradigma né, pra mim que nasci e cresci um garoto periférico e saía do meu bairro pra ir pro centro sempre, pra consumir cultura, digamos assim, de repente eu vejo a Silvia que é uma outra poeta que frequenta aqui, que vem de Interlagos pro Sarau, que sai de Interlagos pra vir pra cá, a Inês Santos que sai do Tatuapé pra vir pra cá, a Rosinha que sai de Guarulhos pra vir pra cá, isso mexe um pouco, abala um pouco as nossas certezas né quando você as pessoas estão fazendo um caminho inverso. E assim, aliás três, três poetas que eu citei, e as três que de certa forma debutaram nesse palco né, mas junto com isso tem a transformação das relações também né, da forma como por exemplo a gente aprende a ver com as coisas podem ser feitas a partir da, de laços que são criados e não foram

pensados na sua interioridade. Uma das coisas que a gente sempre observou aqui, é que a gente consegue fazer as coisas, em tese sem dinheiro, ou melhor, não é que é sem dinheiro, a gente entendeu que aqui é uma incubadora de ideias, de projetos que podem se tornar baratáveis financeiramente, mas que não aqui exatamente, porque aqui a gente observou também, a gente tem observado esses anos todo, o quanto que o dinheiro ele também, ele piora o atrito nas relações, nas questões e tudo o mais, então, várias vezes, surgem pessoas aqui, não vamos fazer o seguinte, as pessoas se empolgam né, eu vou falar com, eu conheço o dono da padaria tal, pra ele fornecer tantos pães aqui no dia do sarau, colocar um negocinho dele ali, e aí a gente, com o tempo a gente aprendeu que essas questões, é, podem ser sobrepujadas tranquilamente, naturalmente, como eu já falei em algum momento aqui, que as pessoas trazem as suas iguarias, e vira uma grande mesa socializada, sem a gente depender dessa coisa oficialisca do figura que vai fornecer, de ter que lembrar de citar o nome do cara três vezes durante o sarau, tem que colocar plaquinha no cartaz do cara em algum lugar, então a gente percebeu que tudo isso é possível de se fazer, mas não aqui, é um projeto que pode ser ampliado pra outro espaço, pra outro lugar, pra outro momento, pra outras pessoas, mas aqui a gente percebeu que dá pra fazer sem dinheiro, só numa movimentação mais horizontal, digamos, sem obedecer essa hierarquia, essa padronização que às vezes o dinheiro exige, e que mais atrapalha do que ajuda, essa que é a verdade, então por isso acho que a gente tá bem hoje.

Escobar: Nesse momento de pandemia, que foi uma novidade assim, totalmente, nem nos nossos piores pesadelos a gente poderia prever que a gente ia tá enfrentando dois vírus ao mesmo tempo, porque a gente tem dois vírus. A gente enfrenta um visível, latente, e aí surge um outro, que aí, tal, e aí a gente vê que um potencializa o outro, o discurso de um potencializa o outro ou faz com que o outro seja otimizado e se torne mais letal né, mas a parte essas questões políticas, eu propus ao Akira que é fazer alguma coisa de forma online né, que é o que tem acontecido já, a tal das lives e tudo o mais, mas o que que acontece, a gente esbarrou em duas questões, primeiro que o Akira, assim como a mentoria orgânica da Casa Amarela, não adianta passa pelo filtro da Sueli, eu não consigo pensar algumas coisas com relação à Casa Amarela se não for sobre as bênçãos ou sobre o filtro dela, porque a leitura dela sempre é muito sagaz, muito perspicaz, mas tem outras coisas que se o Akira não tiver a frente ou junto, a gente não consegue fazer. Eu não conseguiria me ver fazendo um sarau online na Casa Amarela se o Akira não estivesse envolvido, e aí justamente bem no início da pandemia, nesse recolhimento nosso, ele tava com um problema de familiar doente e tudo o mais, não exatamente por conta a da pandemia mas por causa de outros processos, ele não conseguiu se envolver, e eu perdi ali um

pouco o trilho né, eu tipo assim, vi que ele não ia ter condições e eu não quis bancar sozinho, porque eu falei meu, quer dizer bancar sozinho não, teria o Luka pra fazer, teria a Rosinha, mas o casal que norteia as ações das Casa Amarela é o Akira e a Sueli, e eles não estando mesmo de forma online presente, eu não vi lógica né em fazer, aí eu peguei e fiquei meio que ali de freio de mão puxado, e aí eu fui me envolvendo com outras questões até porque eu faço parte de outros coletivos né, do Lentes Periféricas e do Curta Suzano, e aí eu fui me envolvendo, principalmente, com o Curta Suzano. O Curta Suzano começou a desenvolver uns trabalhos online, e aí eu me envolvi com essas produções e aí quando eu vi as coisas já estavam acontecendo, e quando achei que poderia falar com o Akira novamente sobre a questão, já tava acontecendo um monte de outros saraus, e a gente já tava participando de outros saraus, aí eu falei pô, pra ser mais um, vamos prestigiar o dos outros, a gente participa dos outros e tudo o mais e a gente...pensei comigo né, nem trouxe essa questão pro grupo, e aí a gente foi se envolvendo com outras questões e tudo. A Casa Amarela, em si, meio que parou as atividades e tudo o mais, minto, a gente não parou totalmente porque teve algumas umas pessoas que frequentam a Casa Amarela, que sabedoras de que tinham algumas pessoas passando algumas dificuldades, inclusive por conta da indefinição da ajuda de custo desse auxílio emergencial que demorou pra sair e tudo o mais, sabedoras de que tinham algumas pessoas que estavam precisando, então algumas pessoas pediram pra usar os nossos espaços digamos assim, pra tentar levantar uma grana pra dar uma força pra algumas pessoas. Mas foi a única ação efetiva que a gente fez, foi essa de fazer uma ação entre amigos pra levantar um dinheiro e tudo o mais. No mais a gente continua só se reunindo, conversando, porque é claro que a gente tinha um calendário de atividades de eventos pra realizar este ano, e essas coisas estão represadas, mas a gente teve que continuar dando conta disso né meu. Então, como tinham algumas questões que estavam ali no nosso escopo de atividades desse ano, mas que ficaram represadas por conta do recolhimento, do isolamento social, a gente pegou e continuou cuidando dessa coisas, continua, continuamos até hoje mas aguardando o momento que a gente vai poder fazer isso de uma forma presencial, que é lançamento de livro, lançamento de filme, de cd, enfim, a gente tem umas coisinhas aí né, e é isso.

Escobar: O palco da Casa Amarela, eu diria assim, isso tudo foi o espaço que eu me coloquei, aprendi a me colocar enquanto artista. Falo isso sem demérito nenhum de outro espaço que a gente ocupou antes, ou durante, e ao mesmo tempo sem querer, ah não, artista... não não é... Tem um momento que você aprende se reconhecer como artista, a gente aprende a se ver dentro daquilo que a gente vem fazendo né, desde a adolescência, eu vinha escrevendo meus

poeminhas e tal de forma tosca ou não, desde a adolescência. E aí de repente, aqui foi um espaço em que eu entendi a importância de ... esquece, dá um tempo eu tô enrolando muito pra falar, vou falar de uma maneira mais prática, meu, eu prefiro falar assim ó: a poesia pra mim, a arte, pra mim é o meu encontro com o sagrado, então aqui esse palco foi onde eu aprendi a ser, a cultivar esse sagrado, a respeitar esse sagrado sabe, aqui foi um espaço, e não foi porque eu me tornei melhor ou pior poeta em cima desse palco, mas ver as pessoas desabrochando aqui, sabe essa coisa de você ver, putz meu, a primeira vez que eu vi Inês Santos subir e o microfone tremendo na mão, e tudo o mais, você entende a importância desse quadrado, o quanto que tem de magia, né, a primeira vez da Silvia, da Rosinha, de trocentas outras pessoas, é até injusto a gente citar alguns nomes e esquecer de outros mas enfim, a cabeça da gente faz esses processamentos ainda mais quando a câmera tá ligada e a gente fica nervoso. Então o palco é o púlpito, é o púlpito, é o lugar onde eu encontro, onde eu entendo o que tem de mais sagrado nessa alquimia toda que eu chamo de poesia, ou de arte, ou duela, do instinto criador né, e isso, vamos assim, reverberando em mim, eu imagino que deve reverberar de outras formas ou da mesma forma em outras pessoas, e isso se torna meio que uma corrente do bem, uma corrente do bem não no sentido depreciativo que hoje a gente tem dessa terminologia do bem, mas no sentido da gente entender cara, que ela é que nem um poema do João Cabral de Melo Neto “Um galo sozinho não tece a manhã, ele precisa de outros galos que lancem os seus gritos e tudo mais”. E eu entendo que a poesia, quando eu falo poesia eu tô querendo exemplificar toda a significação artística pro viés da poesia, quando você pensa que a poesia que eu ouço, que eu leio aqui, que ela vai criando laços que são laços que humanizam a gente, que desmitificam a gente, e ao mesmo tempo são laços que criam, emanam a gente, e vai fazendo com que nós encontremos forças, forças indefinidas, e que essas forças vão fazendo com que a gente tenha prazer em estar junto, que a gente tenha prazer em ouvir, em trocar saberes, experiência e vivências com essas outras pessoas. É claro que isso depois trazendo pro contexto social, isso faz muita diferença no sentido de você ver que algumas pessoas conheceram, ou deram a dignidade dessa perda da virgindade, com licença da terminologia talvez não adequada, mas assim que se permitiram aqui nesse palco e que de uma forma e de outra essas pessoas foram transformadas para todo o sempre, porque a pessoa depois que escreve, ou que lê, ou que cita um poema seu ou de outros, e se expõe publicamente, é claro que essa pessoa, ela nunca mais volta pra mesma bolha, ela pode se enroscar em outras bolhas, mas ela ampliou, ela voou, ela bateu asas, e eu acho que nesse sentido o palco da Casa Amarela, mas não só o palco da Casa Amarela, todo o palco é sagrado.

ENTREVISTADO:
LUKA MAGALHÃES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Luka: O Luka Magalhães é entusiasta, gosto de escrever, gosto de atuar, gosto de estar no palco. Analista de Sistemas, pós graduado no planejamento de educação a distância, e já passei de meio século, sou assim uns 15 anos mais novo que o Escobar, mas já passei da metade do século...

Luka: Eu cheguei aqui na casa Amarela em 2011, no sexto sarau. Foi a convite do..., que o sarau aqui ele tem um convidado especial, e o convidado especial era o Escobar Franelas. Eu vim porque ele me chamou, porque senão realmente eu não teria conhecido a Casa Amarela, vim no sexto sarau, aí vim no sétimo, oitavo, até o último sarau de 2011 eu vim, bati carteirinha, aí em 2012 foram aparecendo outras coisas e eu fiquei um pouco distante, retornei a frequentar a Casa Amarela em 2013, e aí foi no encerramento do projeto Jovens Urbanos, apresentando o resultado do projeto, aí teve projeto de customização, o pessoal fez, as crianças fizeram roupas customizadas, teve a estreia do grupo teatral do Hospício Cultural, o grupo fez o texto, e aí em 2013 comecei a bater carteirinha, como espectador, como plateia, e uma das minhas..., dos meus hobbies assim é fotografar, eu sempre tava com máquina fotográfica, eu sempre estava registrando, não pra Casa Amarela, pra suprir esse meu hobbie né, eu sempre pensei assim, qualquer lugar que eu for eu tenho que tirar a foto, a foto do dia. Então, foi dentro disso, eu começando a frequentar cada vez mais, eu conhecendo cada vez mais as pessoas, passou 2014 o Akira me convidou pra ser o convidado especial de um dos Saraus, fui e aceitei com um prazer imenso, passou 2014, em 2015 a gestão na época me convidou pra eu integrar a coordenação da Casa Amarela, de lá pra cá a gente vem trabalhando junto que é muito, muito gratificante tá aqui presente com o pessoal da Casa Amarela.

Luka: Eu não sei bem se eu sou do teatro. Tenho um pézinho, gosto do teatro, a minha trajetória como entusiasta das artes começa realmente com o teatro, numa época bem remota, onde o maior contato que a gente tinha era através das escolas. Em 89, eu e mais três amigos, e desses três o Escobar Franelas junto, a gente participou de um festival de teatro de Suzano, a gente montou um grupo e fizemos uma única apresentação, mas que marcou, na época marcou, assim

foi o ponto final, bateu o martelo e falar, isso é mais do que amizade. E foi um dos caminhos que eu tracei, mas não sei se somente o teatro. Algumas pessoas dizem que eu sou poeta, alguns dizem que sou o homem das mil artes, mas eu particularmente não me vejo como artista. Não tenho isso, sou entusiasta, sou entusiasta, escrevo, participo mas acho que pra eu ser um artista dentro da visão que eu tenho, falta muito, falta muito, então mesmo tendo alguns trabalhos realizados, eu acho que falta muito pra eu aprender ainda. E aqui na Casa Amarela é um espaço que a gente tem pra isso, é onde a gente vai encontrar pessoas que vão agregar valores pra gente, e vão trazer várias modalidades de arte, aí eu não me julgo artista, porque pra mim um artista completo faz várias coisas que eu não me vejo fazendo, não me vejo fazendo, não me vejo cantando por exemplo, eu até brinco no Sarau, eu falo assim, na hora que eu quiser acabar o sarau é só eu ir lá e cantar, e aí vai todo mundo embora e a gente acaba a hora que quiser. Mas é, esse pezinho no teatro é muito por influência de escola, cheguei a frequentar o curso do Emílio Fontana, mas falta muito, falta muito pra eu ser esse artista dentro da percepção que eu tenho.

Uma das grandes referências de amizade que eu tenho na vida é Escobar Franelas, é o amigo da vida toda e a gente até se trata não como amigo e sim como mais que irmão. Gostou né?

Luka: a Casa, o núcleo gestor da casa são cinco pessoas, Akira, Sueli, Escobar, Rosinha e eu. No começo do ano a gente se reúne, vê o que é que aconteceu durante o ano, os pontos fortes que a gente teve como é que a gente consegue dar continuidade no ano seguinte, e a gente sempre tem isso da conversa, expor opiniões, as críticas, os acertos, escutar o que cada um traz, pra gente poder organizar as atividades da Casa da melhor maneira possível. Então assim o carro chefe dos eventos que a gente organiza é o Sarau da Casa Amarela, e quem vem pro Sarau da Casa Amarela sempre leva alguma coisa. É a política do braço, da receptividade, é frases como “nesse ambiente tem uma bactéria e você vai sair daqui contagiado pela arte.” Uma frase que eu falo pra todas as pessoas que eu conheço aqui, porque você vem sem conhecer ninguém, e sai daqui com amigos de infância. Porque as pessoas praticam isso, os frequentadores da Casa Amarela replicam essa política. A Política do abraço, da receptividade, acaba refletindo em todo mundo que vem pra cá. Então a gente tem casos assim interessantíssimos de pessoas que nunca se viram na vida e que começaram a fazer trabalhos artísticos juntos muito compensadores. É legal a gente ver isso nas pessoas, e a gente tem isso, a gente organiza os eventos e a gente sempre tem essa conversa. De vez em quando até aparece alguns uns projetos de última hora que a gente fala, não. Vamos abraçar, vamos fazer, vamos tocar em frente. Então a gente tem o Sarau como o carro chefe, o sarau que a gente sabe que ele tem uma magnitude,

mas a gente não imagina, a gente não consegue dimensionar o quanto o Sarau da Casa Amarela é grande. A gente sabe que ele é grande, mas não sabe o quanto. Se você pegar dentro do nosso país de dimensões continentais, a gente tem aqui, já teve a presença de pessoas de Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Maranhão, pessoas que moram, brasileiros radicalizados na Alemanha, na Itália, então a dimensão do Sarau da Casa Amarela é muito grande, muito grande e talvez seja pelo fato dele ser eclético. Aqui todas as artes têm espaço. Todas as pessoas que quiserem subir no palco da Casa Amarela, tem espaço pra subir, tem a oportunidade, e a uma vez que subiu lá, a primeira vez todo mundo treme, não há uma pessoa que não tenha tremido a primeira vez que subiu naquele palquinho. Tem pessoas que ensaiam essa subida nesse palco, tem pessoas que olham e falam, pô, depois dessa apresentação eu vou fazer o que? Então aqui tem essa característica. Cada Sarau, cada evento reflete um pouco a mentalidade de quem organiza, e como a nossa mentalidade aqui é isso da receptividade, então quem vem, sai daqui se sentindo muito bem. Quem sobe a recebe um aplauso, sai daqui realizado. Porque a gente não tem discriminação pela da arte que se pratica. A gente tem um aplauso, um abraço, e aqui as grandes surpresas porque muitas vezes a pessoa sobe lá e a gente não conhece, é a primeira vez, e aí a pessoa faz uma apresentação que a gente não consegue..., a gente não esquece essa apresentação. Teve um rapaz que chegou uma certa vez, chegou cedo e aí a hora que ele subiu, ele foi assoviar Beatles, o cara assoviou duas canções do Beatles e todo mundo ficou assim, meu, como é que pode uma coisa dessa, e assim, e essas surpresas são legais, as grandes surpresas que a gente tem aqui são imensas. É um exemplo dessas surpresas foi a presença de um escritor do Maranhão: Carvalho Junior, a gente tava fazendo um evento duplo, sexta feira na Casa de Farinha, restaurante aqui do nosso Francisco Xavier, e no domingo seria aqui na Casa Amarela. Então em 2014 a gente fez um evento duplo na sexta-feira na Casa de Farinha e no Domingo sarau aqui na Casa Amarela. Na sexta-feira assim do nada, era um evento com a escritora mineira Adriane Garcia, e no domingo a outra escritora era a Bianca Veloso de Santa Catarina e a gente tava na Casa de Farinha fazendo todo o evento aí me aparece um rapaz: “oi, tudo bom, eu sou o Carvalho Junior”. Carvalho Junior? “É eu vim lá do Maranhão, peguei o clandestino ontem só pra vir aqui evento de vocês.” Assim foi uma surpresa pra todo mundo, ninguém imaginaria que um escritor lá do Maranhão, né, sem nada assim, não tava programado, ele chegou e falou, não, vou lá na Casa Amarela. E chegou e assim, foi uma surpresa imensa pra todo mundo. Ninguém esperava, a gente se conhecia pela internet e chegou no horário o cara tava lá, e todo mundo ficou assim entusiasmado pela ousadia que ele teve de fazer essa viagem. A gente até brinca que a primeira vez ele veio de clandestino,

e a última veio de avião, ficou chique né? A outra surpresa também é a gente fazendo um sarau aqui e aparecer a Alice Ruiz, ninguém esperava a Alice Ruiz. Outra é, na época que a gente tava fazendo um trabalho com o Akira, Companhia da Luz, o rapaz que tava com a gente, o Henrique Vitorino e, trazer pra fazer uma performance o Tato Fischer, que fez parte de Secos e Molhados, e a gente ter como frequentador o Ayrton Mugnaini que é um dos maiores estudiosos da música brasileira, do rock brasileiro, um cara que tem uma história dentro da música incrível, então essas surpresas pra gente são gratas assim, são gratificantes por demais, é você vê que a Casa Amarela tem uma dimensão, o Sarau da Casa Amarela tem uma dimensão, e a gente na coordenação não sabe, não sabe dimensionar, o que eu falo sempre, a gente sabe que é grande, mas o quanto, o quanto é grande, o quanto a Casa Amarela se torna referência, o Sarau da Casa Amarela se torna referência pros saraus. Então a gente sempre discute isso quando a gente se reúne pra ver, se vamos ter projetos novos no ano, se alguns projetos vão ser viáveis, se a gente vai manter a frequência e quando vai ser, assim o Sarau da Casa Amarela já foi sexta-feira a noite, já foi no terceiro domingo, e alguns que a gente começou a fazer sempre no segundo domingo, e aí quando chega dia das mães e dia dos pais a gente fica no embate, vamos fazer? Vamos transferir pro sábado? Mas a coordenação ela se baseia nisso, é a gente conversar, ver o que deu certo ou não deu, e começar a planejar os projetos. Aí fora o Sarau a gente tem o Blá Blá Blá, a roda de conversa que é um projeto que já passou por duas fases super interessantes e distintas, no primeiro momento a gente começou a falar sobre a arte periférica, discutir temas como mobilidade, arte periférica, arte marginal, trazer pessoas pra falar sobre isso, sobre a produção audiovisual na região, a produção sem dinheiro, e no segundo momento a gente começou, a roda de conversa começou a ser sobre as obras literárias produzidas pelas pessoas que frequentam a Casa Amarela, e aí a gente teve uma discussão sobre o livro do João Caetano, Inês Santos, a gente tinha vários outros escritos já na sequência pra gente fazer, e aí por conta de algumas outras surpresas, a gente ficou acabando..., o Blá Blá Blá ficou no meio termo, entre a literatura e debater cultura. A gente teve a Socorro Nunes vindo aqui pra discutir todo um trabalho, a gente teve um escritor moçambicano Pereira Lopes que veio pra cá pra conversar com a gente dentro de toda a agenda dele, e aí a gente amplia. A Casa Amarela não teve só gente do Brasil, teve da Europa e da África, sem contar os virtuais que estão com a gente de outros cantos. E fora isso a gente tem o Inéditos e Inacabados que também são duas fases do projeto. Na primeira fase a gente propunha um tema, a pessoa trazia um tema e algum texto independente de estilo e o grupo analisava esse texto, pontos fortes e altos e com o nome Inéditos e Inacabados. Muitos dos textos desse projeto, a pessoa que escreveu aceitava até

mesmo a sugestão de mudar alguma coisa que estava escrita ali, mudar alguma palavra, modificar a posição de versos, de frases. Teve até a criação da Sueli o Haikai kai kai, que ela conseguia fazer três haikaiss em cima do mesmo tema e um conversava com o outro, e aí posteriormente a gente pensando mais como oficina literária, a gente começou a trazer assuntos específicos, trazer alguém pra fazer uma conversa sobre soneto, outro sobre a estrutura de romance, sobre o texto teatral, e sempre com essa proposta. O tema é texto teatral? Vamos ver o que a gente sabe. É romance? O que é romance? Quais as características do soneto? E aí ficou com uma cara, trouxe um pouco mais, agregou. Aquela ideia inicial de trazer o texto pra gente conversar continuava, só que agora tinha um caráter um pouquinho mais didático pra somar. Junto com esses projetos a gente rolou o “O Casa Amarela em Cena”, um projeto nascido em 2017 quando o Akira lançou o Oliveiras Blues, no estalo assim, a gente se reuniu e falou ó, vamos pegar alguns textos do Akira e transformar em teatro, e é uma característica do Akira escrever é que ele traz, ele cria personagens, ele dá vida aos personagens, ele dá uma história de começo, meio e fim. E aí nós pegamos dois personagens icônicos dele, o Clóvis, né Clovis? [Referência ao Escobar que estava presente] e o Dedo Mole. O Dedo Mole é um matador do Jardim das Oliveiras, aquele cara que todo mundo teme. Ao mesmo tempo que todo mundo sabe que ele é matador, todo mundo vê ele como empreendedor, tem um martelinho de ouro lá, funilaria e pintura, tem alguns outros negócios mas todo mundo tem medo. E é icônico o dedo mole do Akira. Ao mesmo tempo o Clóvis é o cara mais chato da empresa, que ninguém gosta dele. As pessoas são tão arredias a ele, que nos textos do Akira a gente vê que nem no dia do aniversário dele, as pessoas cumprimentaram. O cara passa um tempo hospitalizado por causa de um enfarte, quando ele volta pra trabalhar, ninguém vai perguntar como ele tá. É um dos personagens que o Akira fez morrer, né fez morrer, e a gente aproveitando isso, a gente encenou esse Oliveiras Blues, o Clóvis, o Dedo Mole, e o Akira traz, como autor ele traz uma parte de um texto muito forte dele chamado Melancia, que conta uma passagem da infância dele, e a gente somou isso na intenção de só pro lançamento do Akira. A gente ia fazer aqui na Casa Amarela, aliás ia ser na Casa de Farinha, a gente fez na Casa de Farinha, antes a gente fez no Sarau do Buzo, e foi circulando com esse espetáculo que seria tão somente uma única apresentação, nós fizemos sete apresentações desse texto e assim né, era sem intenção.

Luka: Depois a gente fez a apresentação no primeiro lugar que o Akira lançou o livro, foi no Sarau do Buzo, a gente foi, apresentou só uma parte estava no começo, continuamos ensaiando, fizemos a apresentação no dia do lançamento oficial do Akira. Fomos pra um evento chamado Amparo Literário, fizemos a apresentação aqui, no formato Blá Blá Blá, apresentação depois

roda de conversa com todo mundo, e aí no ano seguinte a gente recebeu um convite pra fazer um trabalho pensando no dia do ferroviário e no dia do trabalhador, começamos a fazer, a gente batizou de Consultoria do Trabalhador, pegamos textos de pessoas, de outros artistas, então tinha, Eliana Mara, o Gilberto Brás, outros textos, até mesmo do Sérgio Vaz, e a gente fez e foi outra encenação que também circulou. Nós pegamos uma quarta-feira saímos aqui de São Miguel, e fomos fazer essa apresentação no CEU Jaçanã.

Luka: A gente chama de projetos, só que tá muito mais como produtos realizados pela Casa Amarela. A gente não tem apoio governamental. É muito assim né, essas ações, esses produtos, os projetos, a gente não visa inicialmente pedir apoio de verba pra realizar. Tudo que a Casa Amarela realiza é através da venda de refrigerantes, de cervejas, é a contribuição que as pessoas vão e voluntariamente põe na caixinha, então a gente não tem essa verba. A participação das pessoas depende muito dessa ação que a gente vai fazer. Um exemplo, o Casa Amarela Em Cena é uma coisa mais fechada. A gente convida a pessoa pra saber se ela quer participar daquela trupe, daquela montagem. Pra ver se ela quer participar, se ela aceita a proposta. No Sarau é uma coisa aberta. A pessoa vem... Oh sarau segundo domingo! A pessoa vem apareceu, quando é a primeira vez a gente vai e conversa, e aí se escreve, canta, toca! E dependendo da resposta, a gente fala, vai lá se apresenta pra nós, dá uma palhinha aí pra gente. Então é totalmente aberto. A única coisa a gente faz, é um convidado especial, um poeta lançado um livro, um pocket show, e aí a gente convida as pessoas. Ah vamos convidar um fulano de tal pra lançar o livro dele. Pra lançamento de livro a gente nem convida, tem lista de espera, tem lista de espera para lançamento de livro no Sarau da Casa Amarela, é difícil, e aí quem? Ah fulano, mas tem outro que está na frente. Então pra esses, os convidados especiais, a pessoa que vai dirigir a conversa no Blá Blá Blá, que vai orientar no Inéditos, são convidados, mas a participação das pessoas é totalmente livre, a pessoa vem, entrou na Casa Amarela, se quiser tem espaço aberto pra qualquer tipo de apresentação, seja musical, teatral, é totalmente aberto. Os registros que a gente faz, são muito mais virtuais, todas as fotos dos eventos elas estão no Facebook, se a gente faz algum vídeo a gente joga no Youtube e compartilha o link no Facebook, então é totalmente público. O nosso processo aqui a gente sabe que o Sarau está sendo o segundo domingo, dia tal de tal mês, convidados especiais, fulano, fulano e fulano, tá. Uma semana antes a gente cria o evento no Facebook já com a arte da divulgação, aí a gente convida as pessoas, e aí as pessoas vão convidando os outros, e vai trazendo.

Luka: Existe uma, eu até eu diria uma certa ironia nisso, porque o entorno, os vizinhos da Casa Amarela praticamente não participam dos eventos da Casa Amarela. Mesmo estando do lado,

mesmo a gente chegando e falando, ó, vamos assistir um pouco, é um ou outro que aparece. Muita gente vem na Casa Amarela sem ter o conhecimento que a gente tem, uma página no Facebook, que a gente divulga tudo por lá, muito de boca, muito de boca e assim as pessoas vem, um traz o outro. É sempre assim... A pessoa ficou sabendo que tem um evento num lugar chamado Casa Amarela, deixa eu ir lá... E vai agregando as pessoas. A gente tem e teve várias ações que realmente foram temporais, foram temporais. Foram um único evento, foi durante um ano e no ano seguinte não teve mais. A gente sempre avalia isso, sempre no final ou no começo do ano a gente avalia isso. E aí como é que foi tal evento? Compensa? Não compensa a gente continuar? Sempre foi assim. O evento que tinha aqui, o Bem Estar, que a Sueli coordenava, ele é muito esporádico, ele foi muito esporádico durante a ação era proposta um mês, e os quatro sábados a gente tá aqui de manhã, e aí não haveria, não se tem a previsão de um próximo evento desse tipo. Ele pode ocorrer seis meses depois, ou pode ocorrer no próximo ano, ou não ocorrer. Tinha um projeto que começou no finalzinho do ano passado, umas das frequentadoras, uma peruana, a Luz, ela propôs um ensino de espanhol pra quem quisesse. Começou a ter aulas aqui nos sábados, só que no final do ano ela foi pro Peru, e a coisa ficou parada. Rola, só que totalmente informal, com conversa na internet. Então a gente teve tentativas, teve sugestões de várias ações aqui que realmente, não teriam continuidade e a gente acaba focando mais no que a gente sabe que já existe e que dá certo, mas muito certo. A gente teve uma ação chamada Arte e Gastronomia, uma parceria da Casa Amarela com a Casa de Farinha. A proposta era um pocket show com um convidado e a gastronomia ficava por conta de uma quituteira conhecida, então a gente teve um evento que o pocket show foi de Sacha Arcanjo e o quitute era o caldo da Célia, a esposa do Sacha. O feijãozinho, o feijão da Célia é uma história que vem do MPA há muito tempo e sempre teve isso. Foi um projeto legal, mas ele não conseguiu ter uma continuidade. Porque a gente para, avalia, vê o retorno suficiente. Este projeto Arte e Gastronomia, a gente tinha um valor, um couvert artístico de dez reais, que era do músico, e essa quituteira vendia pros frequentadores e ficava com a parte dela, não tinha assim a Casa Amarela e a Casa de Farinha. Organizavam, mas se a gente não tinha a intenção era ajudar o músico, e essa pessoa ia tá fazendo um caldo, um tira gosto pra tá vendendo. Acho que nós tivemos, se não me engano, uns cinco ou seis eventos, e aí foi um projeto que não teve continuidade, e a gente sempre focando nessas ações da Casa Amarela, pra fazer com que elas consigam se sustentar.

Luka: Se tivéssemos um boom, assim o material não está assim somente no Facebook, estão em um computadorzinho, eu tenho, depois de muito trabalho de formiguinha, eu tenho a relação

de todos os participantes desde o primeiro Sarau, importante ter esse registro, então, primeiro sarau, convidado especial Raberuan, sexto sarau, Escobar Franelas, sétimo sarau, Sacha Arcanjo, e por aí vai, o convidado especial, a ordem do sarau, o convidado especial, o lançamento, o músico, a exposição... então eu tenho essa planilha. E o material gráfico dessa divulgação quem faz sou eu, então de 2015 pra cá eu tenho todo o material de divulgação de todos os eventos o que a Casa Amarela realizou. De todos os Inéditos, de todos os Blá Blá Blá, os Saraus, os eventos extras. Então a gente tem esse material, essa memória não somente no Facebook, no Facebook, na internet a gente espalha, a gente espalha e a gente divulga, mas tem essa preservação desse material. Então eu tenho as fotos que eu tirei, os álbuns que eu tirei, os flyers de divulgação, a relação de quem veio, a gente tem os depoimentos das pessoas, porque a gente não pode ficar só na internet né, a nossa cultura não é tão digital, não pode ser somente digital, e isso a gente tenta preservar. A gente tem aqui na Casa Amarela material que a gente guarda, muito mais pra esse registro, mesmo que esteja na caixa lá atrás, o material existe, então a gente tem essa preocupação. Essa lista que eu tenho com todos os participantes do Sarau, eu demorei foi mais de um mês pra gente tentar resgatar as informações. Quem foi o primeiro, o segundo, em 2011 foram tantos, em 2012 foram menos porque teve outros projetos, em 2013, 2014, então a gente tem isso, tem esses registros, e a história da Casa Amarela também é muito contada de boca aboca, é um espaço que tá lá em São Miguel, é um espaço que tá dando oportunidade.

Luka: Uma coisa que eu tenho em mim é que a Casa Amarela ela tem herança do que o MPA. A mentalidade construída na Casa Amarela reflete o que foi o MPA, na diversidade cultural, e o MPA ele trouxe muita coisa do que a gente tem hoje na Casa Amarela. Um dos projetos começados pelo IPEDESH (Instituto de Pesquisa de Desenvolvimento Social Humano), junto com a Casa Amarela, foi o de se pensar que muitos artistas que não tem uma oportunidade de publicação de algum material seu, a gente tem que tomar iniciativa pra evitar que se perca. Então dentro da inteligência do Akira nesse ponto, com a sensibilidade dele, junto com o IPEDESH na época, ele criou o projeto de memória musical. De pegar os músicos da região que tem o trabalho muito bom e que não conseguem divulgar, de fazer o registro. E aí a gente passa por Raberuan, com o CD Tião, Sacha Arcanjo, Gildo Passos, Osnofa, Ronaldo Ferro, **[Inint. 36:29]**, e aí a gente tem o registro de livros como: “Um segredo não é letra gado” de Mário Neves, a história do Mário Neves é um senhor, de 76 anos, que já participou de coletâneas mas que nunca tinha publicado um livro solo. É um material escrito há trinta anos atrás, trinta, quarenta anos atrás, que merecia ser divulgado, então a gente pensa nisso, de dar visibilidade a

esses trabalhos antes que eles percam. A citação máxima do Akira, é sobre um artista aqui de São Miguel, o Franjinha, um músico excepcional, com composições muito lindas, mas que não escrevia nada, compunha na cabeça dele, não escrevia nada, não tinha nada no papel e faleceu, sem nada ter sido registrado. E aí a gente chega a falar, vamos fazer isso? Então a gente tem vários artistas assim, e busca esse registro, chegar pra fazer essa memória não totalmente digital, mas física. É chegar pra pessoa, pra aquele escritor de 76 anos, 77, que tem uma obra literária muito linda, mas que isso não tá materializado. É chegar e tornar isso possível pra ele, e pensar justamente nisso, porque se ele falecer, pelo menos um registro do trabalho dele a gente tem. E é outra coisa também, é outra lista que a gente sempre tem que pensar, quem nós vamos fazer esse registro.

Luka: Cada uma dessas ações de memória a gente tenta estratégias diferentes, e em nenhuma nós tentamos financiamento coletivo. Crowdfunding, Catarse, Vaquinha, a gente vai muito pela ação entre amigos. O Akira que é o grande articulador disso chega e fala, “pessoal nós queremos fazer o registro de tal artista, quem quiser colaborar é só falar.” E o pessoal colabora. O pessoal colabora com R\$ 100,00, R\$ 200,00 quanto for, a gente junta e faz o produto e entrega. Quem colaborou, recebeu, a gente pega uma parte desse produto e dá pro artista, e a outra parte é vendida. Junto com esse processo da ajuda coletiva, financiamento por essa ação entre amigos, a gente também promove aqui na Casa Amarela, o sorteio de brinde. A gente pega, a gente tem muito material aqui, a gente faz um kit com livros, e faz uma rifa durante o sarau. A gente pega as nossas parceiras Célia Maria e a Selma Beve, e durante o evento elas falam “vamos participar da rifa pra ajudar o projeto?” E assim a gente vai juntando a verba pra realizar, e dentro disso a gente já teve né, no primeiro projeto do primeiro livro do Akira, o Bem Te Vi Itaim, foi feita uma série de eventos na Casa de Farinha pra juntar verba pra realizar o projeto. Então os custos pra esse projeto depende muito da época, do que a gente planeja pra fazer. A gente tá com um projeto chamado Sacha 70, foi um projeto, que a gente pegou os 70 anos do Sacha Arcanjo, nós pegamos 70 canções dele, contamos com a ajuda do Paulo Miranda, do Nabi Nandim, ciframos as músicas, as 70 músicas e nós temos o Sound Book Sacha 70, 70 anos, 70 canções. Esse projeto o custeio dele foi pela ajuda de amigos: “ó nós temos o projeto, como é que eu faço pra colaborar?” E, também, pelos sorteios né, em todo o sarau a gente tinha um kit aqui de 5 ou 6 livros e fazíamos a rifa, e a partir disso que gente conseguiu a verba pra fazer o Sacha 70. E aí tem o envolvimento de pessoas, pegar um Paulo Miranda, um músico excepcional, que de ouvir ele consegue acompanhar, o Ravi Nandi que tem um conhecimento mais teórico, que consegue discutir e conversar com o Paulo, e falar “Paulo, aqui fica melhor isso do que aquilo.” É o Sacha

cantando e os dois tentando acompanhar, enquanto um tá tocando no violão o outro está cifrando a música, e depois discutindo. A gente tem até um vídeo aqui do Sacha cantando “Abstrato e Sentimento Derradeiro” e os eles tentando cifrar. E aí a parceria do Escobar e Rosinha fazendo a revisão dos textos, a gente tem textos de pessoas lá de São Gabriel, de onde o Sacha vem, textos de pessoas do MPA e todas as canções dele. As parcerias dele com Raberuan, com Cecil, com Edvaldo Santana, Akira.

Luka: Na verdade já deveria ter lançado né? É que o Sacha (risos). A gente tinha previsão de lançar... no aniversário do Sacha de 70 anos, que foi ano passado. Aí nós tivemos alguns atrasos, a perspectiva era de lançar no Sarau da Casa Amarela em abril de 2020, e aí gente, não temos previsão de voltar a Casa Amarela em 2020, então vamos segurar, vamos ver, mas assim o Akira deixou bem claro pra gente, “eu não quero transformar o Sacha 70, em Sacha 71”, porque agora em novembro o Sacha vai completar 71 anos, então a gente quer ver se a gente consegue lançar isso entre setembro e outubro desse ano.

Luka: O legal sabe o que é, é porque o nome Sacha 70, a gente faz referência aos 70 anos dele, mas como tem 70 canções, pode ser lançado quando ele tiver oitenta, noventa...

Escobar: Perdemos frequentadores. Frequentadores, a gente tem conhecimento sim, o primeiro que a gente perdeu dos frequentadores foi um rapaz que mora aqui perto no entorno, o João Ernesto, e foi assim: “óh o Joãozinho faleceu”, era um cara que tinha um acervo do Antônio Marcos, fã do Antônio Marcos, antes dele... falecer, muito antes, ele fez a doação do acervo dele pra Casa de Cultura Antônio Marcos, então se você entrar na Casa de Cultura Antônio Marcos, você vai ver quadro, capa de disco, foi tudo doação do João Ernesto. Foi o primeiro que a gente soube, depois disso um músico da Vila Maria, o João Emílio, João Emílio Castro, um músico fantástico, de composições mágicas, foi a segunda pessoa. E eu particularmente não tenho conhecimento de mais algumas pessoas, da nossa gestão, na gestão da Casa Amarela, assim, cada um teve perda pessoal, o Escobar faleceu o tio, a Rosinha perdeu a sobrinha, eu, o meu pai faleceu, nada a ver com a Covid mas foi nesse período de pandemia. Então a gente perdeu pessoas que frequentavam, pessoas importantes pra Casa Amarela, porque todo mundo que vem aqui é importante pra nós, a Casa Amarela se constrói de outras pessoas, se não fossem as pessoas que se apresentam no sarau, as que participam dos eventos, as que trazem propostas pra gente, a Casa Amarela não teria sentido. Mas a gente teve muito mais perdas pessoais, cada um com a sua tristeza, e do público mesmo, dos frequentadores, eu pelo mesmo só tenho certeza desses dois que a gente tinha muito contato, tudo. E assim, eu pelo menos tenho uma... uma

tristeza por conta da pandemia, mas é assim, acho que é muito mais de saber que não vai se realizar porque ano que vem, 2021, o Sarau da Casa Amarela ia completar, ia não vai completar dez anos, e pelos meus cálculos o centésimo Sarau da Casa Amarela seria nesse ano, seria no ano dos dez anos, que pra mim ia ser muito... 100 Saraus nos 10 anos. Seria legal isso, pô a gente tem toda uma estrada, o centésimo Sarau pelos meus cálculos, seria o último de 2021, mas por conta desse ano nós perdemos já uma quantidade né. O último Sarau da gente foi de número 84, que foi em fevereiro desse ano, fevereiro não, em março, foi o último sarau que aconteceu, e agora nem em abril a gente decidiu segurar e vamos ver quando a gente volta.

Luka: Como eu falei, eu não me vejo como artista, as outras pessoas me veem, eu não me vejo, mas uma coisa que eu vi, que eu percebi pra mim é o quanto é possível se crescer e se desenvolver artisticamente. Quando eu cheguei aqui, comecei a frequentar, comecei a escutar Akira Yamasaki, Sacha Arcanjo, Gilberto Braz, Claudio Gomes, e olhar e falar “poxa como eu sou pequenininho, como eu sou pequenininho diante dessas pessoas”, só que ao mesmo tempo, eu percebi que eu era um pouquinho melhor do que outros, não na prepotência, é chegar e falar “pô, eu tô no meio termo entre esses e aqueles”, e a gente vê esse desenvolvimento, de repente eu que tinha uma escrita quilométrica, aprendi a ser sintético na escrita. Eu comecei a ver o quanto eu consegui melhorar como pessoa que escreve, como entusiasta de artes, de vez em quando eu até pego as fotos que eu tirava lá no comecinho, 2013, 2014, pras fotos que eu tiro hoje. Aquela história de falar o seguinte, eu vou no evento e eu quero tirar a foto. Aquela que todo mundo vai lá e fala, meu que foto é essa? Isso é muito legal, e eu tenho bastante “a foto” viu!

Luka: Eu já tive cara, já tive não tenho... tenho, eu começando lá no MPA 40, em 2018, eu comecei a perceber que eu dava muito destaque no rosto das pessoas, eu comecei a tirar foto lá só dos olhares, eu tirava só do olhar da pessoa. Eu tenho até vontade de fazer, de repente, expor essas fotos, juntar esse material temático, expor mesmo esses olhares, você tem assim, você tem vários fotógrafos com esse material: Roberto Cândido, Fernando Rocha, são fotógrafos incríveis que eles têm essa visão, desse olhar. Eu tenho material pra juntar e fazer essas exposições temáticas, assim dentro desse meu hobby, fora a Casa Amarela, eu tenho várias fotos de fauna e flora do litoral, tenho foto desde o tucano de bico verde lá em São Roque, até a gaivota lá em Peruíbe, então assim material pra fazer, vontade de fazer exposição eu tenho sim, de expor esse material. Trazer esses registros da Casa Amarela, não somente do Sarau, trazer o registros de todos esses eventos, esses olhares, vontade tem, de repente fazer uma pasta

e jogar lá no Facebook, como uma exposição virtual é um processo legal, eu tenho vontade sim, não vou negar, eu tenho.